

Imigração brasileira na Europa

Memória, herança, transformação

Organização: Katia de Abreu Chulata

IL SEGNO E LE LETTERE

*Collana del Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio'*

DIREZIONE

Mariaconcetta Costantini

COMITATO SCIENTIFICO

Università 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara

Brigitte Battel - Claudia Casadio - Mariaconcetta Costantini

Mariapia D'Angelo - Persida Lazarević - Maria Rita Leto

Lorella Martinelli - Carlo Martinez - Ugo Perolino

Marcial Rubio Árquez - Anita Trivelli

Atenei esteri

Antonio Azaustre (*Universidad de Santiago de Compostela*)

Claudia Capancioni (*Bishop Grosseteste University, Lincoln*)

Dominique Maingueneau (*Université Sorbonne*)

Snežana Milinković (*University of Belgrade*)

COMITATO EDITORIALE

Mariaconcetta Costantini - Barbara Delli Castelli

Elvira Diana - Luca Stirpe

I volumi pubblicati nella Collana sono stati sottoposti a doppio referaggio anonimo.

ISSN 2283-7140
ISBN 978-88-7916-970-7

Copyright © 2021

LED Edizioni Universitarie di Lettere Economia Diritto

Via Cervignano 4 - 20137 Milano

www.lededizioni.com - www.ledonline.it - E-mail: led@lededizioni.com

I diritti di riproduzione, memorizzazione e archiviazione elettronica, pubblicazione con qualsiasi mezzo analogico o digitale (comprese le copie fotostatiche, i supporti digitali e l'inserimento in banche dati) e i diritti di traduzione e di adattamento totale o parziale sono riservati per tutti i paesi.

Le fotocopie per uso personale del lettore possono essere effettuate nei limiti del 15% di ciascun volume/fascicolo di periodico dietro pagamento alla SIAE del compenso previsto dall'art. 68, commi 4 e 5, della legge 22 aprile 1941 n. 633.

Le riproduzioni effettuate per finalità di carattere professionale, economico o commerciale o comunque per uso diverso da quello personale possono essere effettuate a seguito di specifica autorizzazione rilasciata da: AIDRO, Corso di Porta Romana n. 108 - 20122 Milano
E-mail segreteria@aidro.org <mailto:segreteria@aidro.org>
sito web www.aidro.org <http://www.aidro.org/>

Volume pubblicato con il contributo
dell'Università degli Studi 'G. d'Annunzio' di Chieti-Pescara
Dipartimento di Lingue, Letterature e Culture Moderne

In copertina

Collage digitale dell'artista Agnese Purgatorio
della serie *Perhaps You Can Write To Me*, 2009
Courtesy Podbielski Contemporary

Videospagnazione: Paola Mignanego
Stampa: Logo

SUMÁRIO

In limine <i>Carlo Consani</i>	7
Da memória à transformação linguística. Heranças teóricas e linguísticas nos estudos sobre a imigração brasileira na Europa <i>Katia de Abreu Chulata</i>	11
Imigração Brasileira: empréstimos brasileiros ao português europeu. Memória, herança, transformação <i>Ana Bela Pereira Loureiro</i>	25
Reflexões sobre o ensino da variação linguística. O português para alunos brasileiros em Portugal <i>Audria Albuquerque Leal - Noémia Jorge</i>	41
Sujeitos entre-línguas em contextos de imigração. Questões de memória e herança linguística <i>Beatriz Maria Eckert-Hoff</i>	61
Uma opção didática funcionalista para o ensino do francês em contexto brasileiro <i>Fernanda Cristine Guimarães - Vânia Cristina Casseb-Galvão</i>	73
Metodologias ativas em PLE. Gamificação da série brasileira “3%” <i>Filipa Matos</i>	95
Lineamenti genetici della poesia italoфона di origine brasiliana contemporanea <i>Alessandra Mattei</i>	109
O Estatuto do Estudante Internacional. Incentivo ou barreira para os estudantes brasileiros no ensino superior em Portugal? <i>Katielle Silva - Jorge Malheiros</i>	125

Toponímia maranhense: diversidade cultural e linguística <i>Maria Célia Dias de Castro - Gisélia Brito dos Santos</i>	145
Lições do Rio Grande: concepções acerca da gramática <i>Graciele Turchetti de Oliveira Denardi - Lucas Martins Flores</i>	167
“Procuo minha mãe”: o fenômeno da adoção brasileira em Itália. Aspectos sócio-linguísticos <i>Mariagrazia Russo</i>	181
Figuração de personagens femininas em <i>Mamma, son tanto felice</i> <i>Helena Bonito Couto Pereira</i>	191
Sobre pessoas e lugares: as mulheres viajantes de Marina Colasanti <i>Kelio Junior Santana Borges - Giorgio De Marchis</i>	205
Uma anastomose entre os conceitos de autobiográfico e literatura diáspora. O exílio de Caetano Veloso na autobiografia <i>Verdade Tropical</i> <i>Tiago Ramos e Mattos</i>	223
Migração Brasil/Portugal: os brasileiros descobrem Portugal <i>Maria Irene da Fonseca e Sá</i>	241
Escrita traumática em Primo Levi. Experiência, testemunho e representação <i>Romilton Batista de Oliveira - António Bento</i>	257
Olhar inquisidor: a religião do brasileiro em romances portugueses do século XXI <i>Paulo Ricardo Kralik Angelini</i>	275
Noutro Porto 2: a religião como culto artístico <i>Ana Cristina Saladrigas - Elizângela Gonçalves Pinheiro</i>	293
Pertencimento, classe e gênero em narrativas de imigrantes brasileiros/as na Alemanha e em Portugal <i>Glauco Vaz Feijó</i>	313
Autores	331

LIÇÕES DO RIO GRANDE: CONCEPÇÕES ACERCA DA GRAMÁTICA

Graciele Turchetti de Oliveira Denardi - Lucas Martins Flores

DOI: <https://dx.doi.org/10.7359/969-2021-tuma>

ABSTRACT

The article proposes a reflection on the teaching methodology of the grammar of the Portuguese language, based on the didactic materials, referenced in the manuals of the teacher training program of the public network of the state of Rio Grande do Sul, “Lições do Rio Grande”. The authors clarify that the motivation of this study lies in the concern of many grammarians and linguists because of the changes in ideological motivation at different historical moments in Brazilian education. Thus, the corpus presented is analyzed in the political and historical context in which it is placed.

Keywords: grammar; linguistics; public policies.

1. INTRODUÇÃO

Vivemos um momento em que os meios de comunicação constroem sentidos, disputam a atenção e a devoção dos estudantes. Cabe à escola oportunizar momentos de análise, formação crítica e possibilidade de se fazer escolhas. Para isso, os currículos devem fazer sentido para o aluno, sendo de alguma forma acessível à vivência do aprendiz.

Muitas mudanças estão se delineando no contexto escolar brasileiro, questões que mobilizam o currículo para um trabalho interdisciplinar, contextualizado, tecnológico e sistemático, em que o aprendiz se torna protagonista e ativo perante seu direito de aprender e interagir no contexto escolar. De certa forma é esta ideia básica que se acha inserida nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), que sugerem que o trabalho com o texto seja baseado nos gêneros orais ou escritos, no processo metodológico de ensino de línguas. Assim entende-se que a proposta de inserção de um

projeto político pedagógico pelo estado do Rio Grande do Sul¹, que venha a atender as reais necessidades da comunidade escolar, poderia redimensionar a caminhada educacional, ativando o pensar, relacionar e produzir.

O projeto “Lições do Rio Grande” surgiu a partir de muitos olhares, pensares e discussões, visando a formalização de uma proposta que atendessem a conjuntura de interesses e necessidades dos estudantes da rede pública, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Nessa perspectiva, retrocedemos nosso olhar sobre o ensino de Língua Portuguesa (LP) nas escolas brasileiras, um processo que vem registrando, há muitos anos, uma caminhada em que o texto e a gramática eram trabalhadas isoladamente. A história de organização e implantação metodológica da disciplina nos currículos escolares brasileiros, passou por diversas transformações históricas. A preocupação primeira com o “bem falar”, reconhecendo a língua como um instrumento mediador entre o sujeito e a cultura, se estendeu por muitos anos. O interesse pelo uso da língua de forma “correta” e o olhar contínuo e desaprovador de educadores sobre o “erro”, mobilizou linguistas em busca do ensino de Língua Portuguesa que abordasse, no contexto da sala de aula, os interesses e necessidades dos educandos.

Nessa conjuntura, trazemos à reflexão alguns conceitos apresentados por autores de extrema importância na organização do ensino de LP no Brasil. Buscamos, através das formações teóricas dispostas nos trabalhos de Chaves Melo², Émile Genouvrier e Jean Peytard³, traduzido por Rodolfo Ilari, e Carlos Franchi⁴, organizado por Sirio Possenti, traçar pontos de distanciamento e aproximação entre a metodologia de ensino de gramática adotada por esses educadores, em momentos históricos distintos, contrastando com o atual, representado pelo projeto “Lições do Rio Grande”.

2. O PROJETO “LIÇÕES DO RIO GRANDE”

A implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, em 1996, orientou as práticas de ensino para metas de maior qualidade no âmbito escolar, com o intuito de construir, com o aluno, um caráter mais

¹ O estado do Rio Grande do Sul está localizado no extremo sul do Brasil e é constituído por 11,3 milhões de habitantes. É um espaço organizado por 497 municípios, distribuídos nas regiões: norte, sul, oeste e centro.

² Melo 1946.

³ Genouvrier - Peytard 1973.

⁴ Franchi 2001.

participativo e reflexivo, na busca de um sujeito mais atuante na sociedade. Tais parâmetros serviram como um referencial de qualidade no ensino básico do país. Mesmo apresentando propostas flexíveis, os PCNs não configuram um modelo curricular homogêneo e impositivo, pois possibilitam, seguindo a Constituição, autonomia aos professores e equipes pedagógicas.

Num sentido similar, a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul – Brasil lançou, no início do ano letivo de 2009, o programa: “Lições do Rio Grande”, como um desafio de mudança curricular e, nesse sentido, viu com clareza a necessidade de capacitar os professores de sua rede de ensino público. Para isso, apresentou às escolas uma proposta de Referencial Curricular indicando um norte para os seus planos de estudos e propostas pedagógicas, oferecendo ao professor estratégias de intervenção pedagógica que favoreçam a construção de aprendizagens a partir do desenvolvimento das competências e habilidades de leitura, produção de texto e resolução de problemas, aferidas pelo Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS). O programa abrangeu 21.400 professores dos componentes curriculares do ensino fundamental e médio para a formação continuada.

O Projeto nomeado “Lições do Rio Grande” traz Cadernos Pedagógicos e Referenciais Curriculares que abrangem as seguintes áreas do conhecimento: Matemática e suas Tecnologias: Matemática; Ciências da Natureza e suas Tecnologias contemplando: Biologia, Física e Química; Ciências Humanas e suas Tecnologias: História, Geografia, Sociologia e Filosofia; Linguagens Códigos e suas Tecnologias, que contempla os seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Literatura, Línguas Adicionais (Língua Estrangeira Moderna - Inglês e Espanhol), Educação Física e Arte. Frente às distintas áreas do conhecimento abordadas nos Referenciais Curriculares, deter-nos-emos a refletir sobre o conceito de gramática e algumas questões metodológicas pensadas para a última área do conhecimento citada, com enfoque especial à Língua Portuguesa.

A disciplina de Língua Portuguesa insere-se na proposta de forma fundamental, já que é vista por muitos educadores de outras áreas do conhecimento, como responsável absoluta pela prática da leitura e da interpretação. São três os eixos que nortearam os Referenciais Curriculares em todas as disciplinas, baseando-se, fundamentalmente, na abordagem de competências e habilidades: ler, escrever e resolver problemas.

Quando falamos em ensino de Língua Portuguesa na atualidade, inferimos que nossos alunos devem ser orientados a partir de um trabalho, que os possibilite: ler, escrever e resolver problemas. Porém, sabemos que esse é um processo falho, devido a vários fatores como: frágil formação

de professores, situação socioeconômica dos alunos, questão salarial dos docentes, falta de recursos didáticos, problemas de estrutura escolar, entre outros que contribuem para o desinteresse e desestímulo, dificultando, ou até mesmo impossibilitando a formalização de um trabalho que forme cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

Há muito tempo vem-se falando em mudanças significativas na educação com intuito de formar educandos preparados para o mundo letrado. O projeto “Lições do Rio Grande” surge com uma proposta que vem ao encontro das angústias de muitos educadores em todas as áreas do conhecimento. Nesse contexto, tomamos o ensino de Língua Portuguesa vinculado a um trabalho baseado na leitura e a interpretação de textos, presentes no cotidiano dos educandos. Na estruturação da proposta temos o ensino de LP a partir de uma metodologia que envolve gêneros textuais, articulados com o processo de “pré-leitura”, momento em que ocorre a exploração oral do tema a ser trabalhado, sempre a partir dos interesses e necessidades dos educandos, visto que esses são fundamentos primordiais da proposta, valorizar o que o educando traz de sua realidade social. Em um momento posterior o processo de leitura aparece como forma de interação do educando com a temática abordada na pré-leitura. A partir de então surge a pós-leitura, momento em o aluno é levado a interpretação e entendimento do texto. O último momento dedica-se a produção textual, que traz os conceitos atuais de produção: montagens, vídeos, slogans, textos escritos, etc.

O projeto “Lições do Rio Grande”, através de seus Referenciais Curriculares, propõe o afastamento do ensino tradicional da gramática e vincula-se a análise e entendimento de textos que circulem no cotidiano do aluno, pois “a prioridade não está em saber classificar os elementos da gramática, mas em saber usá-los refletidamente”⁵. Nesse contexto é preciso refletir sobre o uso isolado da gramática, buscando a integração com o texto num processo de busca, identificação organização estrutural.

É importante ressaltar que a proposta pedagógica não prioriza, de forma explícita, a “gramática”, mas não deixa de abordá-la, com sutileza, salientando sua importância, em todo o desenvolvimento do trabalho. As questões gramaticais não seguem uma regra determinada ou listada, elas são evidenciadas de acordo com o interesse do grupo e o desenvolvimento da proposta. Cabe ressaltar, algo já citado por Genouvrier e Peytard⁶, que é o professor quem tem a responsabilidade de dominar a gramática, para des-

⁵ Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico 2009.

⁶ Genouvrier - Peytard 1973.

sa forma, ter a desenvoltura de aplicá-la no contexto que se inscreve. Nessa perspectiva destaca-se que:

Especialmente o professor, em sua prática pedagógica, deve opor-se à concepção de que é preciso primeiro explorar palavras e frases isoladas, para então poder chegar a textos complexos, ou ainda, de que o trabalho sobre o texto se faz sobre suas estruturas gramaticais, tomadas isoladamente, ou sobre seu vocabulário, retirado do texto e discutido fora de contexto, especialmente para análise e classificação.⁷

O aluno deve ser convidado a transitar entre as questões linguísticas e gramaticais, com espontaneidade, aproveitando-se dos conhecimentos que já possui e aprofundando os que lhe são apresentados. Salientamos, mais uma vez, a colocação de Franchi⁸ quando o autor destaca que,

todo o falante independente da modalidade de linguagem de que se sirva, possui uma gramática interna de natureza biológica e psicológica, ou pelo menos a interioriza a partir de suas próprias experiências.

Entende-se que a gramática internalizada pelo educando partir das suas experiências sociais precisa ser despertada para que se efetive, de forma natural, o entendimento daquela gramática institucionalizada na escola e proposta pelo professor.

3. O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA RETROSPECTIVA SOB O OLHAR DE MELO, GENOUVRIER - PEYTARD E FRANCHI

Os Referenciais Curriculares do Programa “Lições do Rio Grande” partem do princípio de que a aprendizagem de línguas, seja materna ou estrangeira, é um direito de todo cidadão, entendendo que, através de oportunidades que envolvam a articulação com diferentes textos, os educandos poderão compreender melhor a sua realidade e aprender a transitar com desenvoltura, flexibilidade e autonomia no mundo em que vivem e, assim, serem indivíduos cada vez mais atuantes na sociedade contemporânea caracterizada pela diversidade e complexidade cultural. No entanto, essa realidade nem sempre foi abordada com tanta autonomia. É nessa perspectiva que

⁷ Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico 2009, s.p.

⁸ Franchi 2001.

buscaremos traçar linhas de aproximação e distanciamento entre o que já se pensou sobre o ensino de Língua Portuguesa e o que o projeto “Lições do Rio Grande” nos apresenta.

Ao retrocedermos na história do ensino de LP no Brasil, especialmente a partir da década de 60, observamos que o ensino desse idioma estava pautado na dicotomia entre o certo e o errado, uma língua única e imutável. As metodologias adotadas sempre arraigadas à análise puramente gramatical, abordada em sentenças ou frases descontextualizadas. A preocupação do educador não estava na perspectiva apresentada pelo texto, nem no interesse ou necessidades do aluno, mas nas regras gramaticais que seriam transmitidas e, posteriormente, assimiladas pelos educandos. Melo⁹ em seu trabalho intitulado *Vícios do nosso ensino gramatical*, nos apresenta reflexões sobre o excesso de gramática trabalhada dentro da sala de aula e designa “gramatiquinhos” aqueles que se destinam a perseguição do chamado “erro” através da exigência de “regrinhas” e a proibição de coisas que “não se devem dizer”. Melo¹⁰ discorre dizendo que os gramatiquinhos adoram as regrinhas, principalmente as proibições as coisas “que não se devem dizer”, e acabam criando em si “uma pobre vaidade de saber o que os outros não sabem”. Nesse contexto havia uma preocupação, dos profissionais da educação, com a possibilidade do “erro” na escrita, a gramática era vista como verdadeira e única, e nessa concepção seu ensino concentrava-se na correção de frases soltas e viciosas, priorizando sempre, o “bem escrever gramatical”.

Melo¹¹ segue suas contribuições apresentando o texto *Como se deve estudar a língua* e aponta outro olhar voltado à perspectiva de um ensino de língua que fosse além do que ele chama lado “negativo”, ou seja, “o erro”, o vilão da “boa escrita”, na visão de muitos educadores. O texto enfatiza que o ensino deve ser “positivo”, construtivo, inteligente, fortalecendo a aprendizagem e evitando a obsessão pelo “erro”. É preciso compreender que a língua participa diretamente do homem, das suas angústias, alegrias, frustrações, que ela funciona em todas as situações de linguagem não podendo limitar-se a regras inflexíveis e impostas. Melo insiste na valorização da linguagem confrontando-a com a realidade, exigindo do educando a reflexão e a justificativa de suas respostas. Faz-se necessário que a língua seja pensada nos seus diversos aspectos: leitura, interpretação, reflexão, produção, sempre buscando apurar o senso linguístico, valorizando as contribuições dos educandos, para que os resultados sejam positivos e satisfatórios.

⁹ Melo 1971.

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ *Ibidem*.

De outra forma, Genouvrier e Peytard¹², no primeiro capítulo do livro *Linguística e ensino do português*, salientam que a escola não tem feito o ensino da língua-objeto e sim o ensino da metalingua. Todo o tempo reservado ao processo de ensino tem sido utilizado para a metalinguagem de análise e o aprendiz vai adquirindo a impressão de que estudar a Língua Portuguesa é memorizar regras e exceções. Os professores ensinam a codificação da gramática e assim o aluno é obrigado a decorar, por exemplo: preposições, advérbios, conjunções sem perceber esses instrumentos em funcionamento no texto. A adição de novos padrões linguísticos desempenha um papel muito mais importante que a correção de “erros” no uso de padrões já adquiridos. Genouvrier e Peytard¹³ dizem que é necessário construir exercícios estruturais, que levem a criança a utilizar mecanismos gramaticais básicos que, muitas vezes são ignorados cabendo ao professor, como mediador de conhecimento, conhecer gramática, para melhor organizar seu planejamento. Na abordagem estruturalista a metodologia está assentada no estímulo-resposta. O professor deve organizar sua aula a partir de perguntas estruturadas por exercícios, reforçando a aquisição do conhecimento por meio da reiteração de atividades. Genouvrier e Peytard ainda destacam que é na medida em que conhece o funcionamento linguístico da estrutura que deseja ensinar que o professor poderá construir exercícios apropriados ao enriquecimento da competência linguística do aprendiz.

Genouvrier e Peytard destacam que é preciso um olhar mais atento a língua oral, visto que é a partir dela que o aluno compreende o que lê, por mais que se entenda que o oral subtende e ameaça a escrita. Essa ressalva à oralidade não anula, de nenhuma maneira, a importância dada à língua escrita, mas nos mostra que o caminho da valorização sobre o que o aluno “fala” já estava sendo trilhado. O texto de Genouvrier e Peytard nos lembra que a linguística insiste no papel primordial da expressão oral na língua, e ressalta que o professor precisa ir além das aparências gráficas, atentando para a “fala” se dispondo a transitar entre o código escrito e o oral, para fundamentar o ensino de Língua Portuguesa.

No entendimento de Franchi¹⁴:

todo o falante, independente da modalidade de linguagem de que se sirva, possui uma gramática interna de natureza biológica e psicológica, ou pelo menos a interioriza a partir de suas próprias experiências.

¹² Genouvrier - Peytard 1973.

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Franchi 1991.

Diante de tal concepção, observamos que os conhecimentos linguísticos e gramaticais que o aluno já possui se materializam naturalmente no seu discurso, seja oral ou escrito. Dessa forma, percebemos que se desconsiderarmos os “erros” cometidos pelos educandos, no momento da avaliação dos seus textos, veremos que eles são capazes de construir uma série de operações, obedecendo inúmeros princípios gramaticais, expressões complexas como: sintagma verbal, as relações lógicas, consecutivas, explicativas.

Franchi¹⁵ diz que a linguagem é uma práxis na qual o objetivo da escola é fazer os alunos trabalharem com a ideia de atividades linguísticas, confrontando o uso da língua, observando o que é diferente entre o coloquial e o culto, o falado e o escrito e vice-versa. É fundamental que se procure priorizar as atividades epilinguísticas, momento em que o aluno se coloca a pensar sobre a linguagem, sobre o uso da língua, a possibilidade de se fazer de outra forma, o trajeto que se deve percorrer para ampliar, resumir o texto. O aluno se beneficia destas questões sem fazer uso da metalinguagem, o aluno pratica, produz sem se dar conta das regras.

Ao falar de “gramática e criatividade” Franchi¹⁶ salienta que esta é uma questão que incomoda educadores e mesmo estudiosos da linguagem, pois ao mesmo tempo em que se critica a gramática, não se elabora um novo referencial para se colocar no lugar dela. Insiste-se na formulação dos mesmos exercícios mecânicos, mas com outras nomenclaturas, outros enunciados, ocultando a verdadeira faceta gramatical que insiste em fazer-se presente, de forma soberana na produção dos alunos, impossibilitando o livre exercício da criatividade.

Não é importante que o aluno saiba a definição de gramática, mas que ele opere sobre a linguagem, trabalhando a gramática no texto, percebendo a riqueza das formas. No entanto, cabe ao professor oportunizar e orientar os estudantes na construção da gramática refletida no texto. Franchi¹⁷ salienta que na operação sobre a linguagem é fundamental, aluno deve ser incentivado a falar, praticar as atividades epilinguísticas de escrever, reler, reescrever, dando enfoques diferentes. Franchi¹⁸ ressalta que a partir do momento em que o aluno é incentivado a falar, ele mobiliza outra atividade linguística, a escrita. Nessa proposta, cabe ao educador, como orientador, interferir mostrando ao educando o que pode

¹⁵ *Ibidem.*

¹⁶ *Ibidem.*

¹⁷ *Ibidem.*

¹⁸ *Ibidem.*

ser melhorado. A partir de então cabe ao aluno a atividade epilinguística de rever, reescrever, para que posteriormente o professor visualize outras questões que possam ser destacadas, permitindo aos educandos o uso da metalinguagem.

Nesse contexto de buscas, intervenções, mudanças e reorganização do currículo para auxiliar o processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa nas escolas públicas do estado do Rio Grande do Sul, surge mais um Projeto Político Pedagógico intitulado que desafia diferentes grupos políticos, escola, professores, alunos, pais e sociedade a construir um ensino pautado na formação de cidadãos pensantes, reflexivos e capazes.

3.1. *Análise dos conceitos dos autores da proposta “Lições do Rio Grande”: distanciamentos e aproximações*

O Projeto “Lições do Rio Grande” retoma questões metodológicas, que possibilitam ao educando transitar entre a gramática que já possui, internalizada e aquela trabalhada em sala de aula. No entanto, sabemos que, durante décadas, a metodologia de ensino de Língua Portuguesa desenvolvida nas escolas brasileiras, centrou-se na abordagem da Gramática Normativa, o que, por conseguinte, limitou-se, na maior parte das vezes, à análise e à classificação gramatical, conforme sinalizam Cereja - Magalhães¹⁹. No entanto, nos anos 80, ocorre uma intensa eclosão de estudos de diversas correntes da Linguística como: estudos da Corrente Funcionalista, da Análise do Discurso da Linguística Textual, da Pragmática, da Sociolinguística. Esses estudos ocasionaram uma nova concepção de língua, como atividade social, afastando, de certa forma, o enfoque dado à gramática normativa, que priorizava o ensino de regras que seriam transmitidas e, logo, assimiladas pelos educandos. Arelado a essa concepção, trazemos a postura de Melo²⁰ que vem nos falar da preocupação com um ensino pautado na valorização da linguagem confrontando-a com a realidade do educando, permitindo-lhe refletir e justificar sua resposta. Esse é um aspecto bem evidenciado na Proposta do “Lições do Rio Grande”, pois a preocupação maior é pela aprendizagem do aluno, a partir da realidade social em que ele se insere, suas necessidades e interesses.

¹⁹ Cereja - Magalhães 2005.

²⁰ Melo 1971.

Outra questão que perde evidência pelo “Lições do Rio Grande” é a preocupação com o “erro”. Melo²¹ também salienta esse ponto, discorrendo sobre uma proposta de ensino pautada na dicotomia entre o certo e o errado. Acreditamos que as tentativas de descentralizar a preocupação com o “erro”, constituem um processo lento e trabalhoso, pois ainda existe muita resistência por parte dos professores que insistem, primordialmente, na correção dos “erros” cometidos por seus alunos.

O enfoque à expressão oral, salientado por Genouvrier e Peytard²² é outro ponto destacado pelo “Lições do Rio Grande” pois, nessa proposta os educandos são convidados a relatar, oralmente, suas experiências, a partir do tema desenvolvido em sala de aula e nas discussões sobre as produções textuais. Tem-se uma valorização ao conhecimento de mundo do aluno, fato já salientado por Melo²³, quando nos fala em confrontar o que se aprende na escola com a realidade do estudante. A Proposta Político Pedagógica do governo do estado do RS trabalha com a gramática a partir do estudo de um gênero textual. A mesma gramática destacada por Genouvrier e Peytard²⁴, como codificação de regras que o aluno deverá assimilar e aplicar de forma descontextualizada é abordada no “Lições do Rio Grande”, com outro enfoque. A proposta deslocou o eixo do ensino voltado para a memorização de regras e nomenclaturas da gramática de prestígio para um ensino cuja finalidade é o desenvolvimento da competência linguístico-textual.

Os Referenciais Curriculares do “Lições do Rio Grande”, entendem que a produção textual é na possibilidade que o aluno tem de reflexão, criticidade e possibilidade de se posicionar frente às suas angústias e necessidades. Franchi²⁵ já destacava que são importantes as atividades epilinguísticas de escrever, reler, reescrever, dando enfoques diferentes.

Nesse sentido, percebemos que as Propostas de Políticas Públicas da Educação estão traçando um caminho com abordagens inovadoras para o ensino de Língua Portuguesa, deslocando o foco na gramática, dando ênfase ao estudo pautado na linguística-textual. O interesse pelo educando e suas necessidades, também é uma questão que se inova nas propostas educacionais das últimas décadas, com a preocupação pela formação de leitores competentes, cidadãos críticos, capazes e atuantes socialmente.

²¹ *Ibidem*.

²² Genouvrier - Peytard 1973.

²³ Melo 1971.

²⁴ Genouvrier - Peytard 1973.

²⁵ Franchi 1987.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram inúmeras as tentativas de implantação de Projetos Políticos Pedagógicos, visando amenizar os problemas metodológicos apresentados no processo de ensino aprendizagem de línguas, no estado do RS. Entre as tantas propostas apresentadas pelos governos do estado do RS, nas últimas décadas, podemos destacar: Educação para crescer, proposto em 1990, pelo então governador do estado gaúcho, Alceu Colares; e Referencial de currículo – Língua Portuguesa, proposto no governo de Antonio Brito, em 1995-1998. A busca por recursos que oportunizem aos alunos reconhecer e produzir conhecimentos é incansável. No geral, a educação brasileira tem enfrentado, já há muitos anos, extremo desgaste, decorrente de fatores diversos como: despreparo de professores, carência de material didático, desmotivação dos estudantes, violência na escola, baixo salário, etc. São notórios os obstáculos a serem superados, embora muitas discussões e pesquisas venham sendo realizadas no intuito de apresentar soluções para os problemas, ainda não foi possível alcançar resultados que contemplassem todos os setores do processo educacional. Nesse contexto, lançamos um olhar mais específico para o estudo da Língua Portuguesa, especialmente ao ensino de gramática, articulando a Proposta Política Pública Educacional do RS intitulada “Lições do Rio Grande” lançada na administração de Ieda Crusius (2009), com as concepções Melo, Genouvrier e Peytard e Geraldini que nos apresentaram outros olhares para o ensino de gramática propostos nos de 1971, 1973 e 1991.

Cabe ressaltar que a partir da teoria exposta pelos autores traçamos alguns pontos que se aproximam e se afastam da metodologia registrada no “Lições do Rio Grande”. A gramática, na concepção atual, não é apresentada como um fim em si mesma, conforme exposto na concepção de Melo, mas como um meio de desenvolver as habilidades e competências dos alunos, sempre abordadas a partir de um gênero textual que desencadeará o que cabe ser trabalhado, a partir do que está sendo exposto. O texto, que na concepção dos autores já mencionados, era tomado no processo educacional como “secundário”, ou melhor, pensava-se no aspecto gramatical a ser trabalhado e a partir dele selecionava-se o texto. Na proposta “Lições do Rio Grande”, ele (o texto) aparece como o objeto de ensino, pois é a partir do contato com gêneros variados que o educando desenvolverá a habilidade de reagir diante deles, e, com atitude crítica, apropriar-se desses textos utilizando os recursos gramaticais que aprendeu em sala de aula e aqueles que, de acordo com Franchi, estão internalizados na memória do educando. O aluno, no “Lições do Rio Grande”, é tratado como protagonista e ativo,

não mais como passivo, aspecto que já vinha sendo abordado por Geraldini quando ele falava da importância de articular o ensino de gramática com a realidade do educando. A metodologia é centrada na aprendizagem, na construção do conhecimento orientado pelo professor. Dessa forma, desfaz-se a concepção de uma metodologia centrada na transmissão e recepção de conhecimento com atividades rotineiras e padronizadas que tinham a preocupação com o “erro” cometido pelo aluno. O livro já não é tomado como norteador do currículo e passa a ser utilizado como recurso didático; e a tecnologia educacional como apoio a aprendizagem.

É interessante pensar no processo histórico pelo qual já passaram as tentativas metodológicas visando a qualidade do ensino de língua materna. O enfoque na escrita e não na fala; a preocupação com o “erro”; o desinteresse pelo texto, dando ênfase à gramática de forma descontextualizada; o foco nas necessidades da disciplina, desconsiderando os interesses dos educandos. A trajetória é longa e as tentativas de constituir uma metodologia que oportunize aos alunos transitar pelos conhecimentos apresentados na escola e aqueles que ele traz de casa, conhecimentos de mundo, estão se materializando nas PPP (Propostas Pedagógicas) mais atuais, como: “Lições do Rio Grande”. Como já explicitado, é mais uma tentativa. A resistência é grande e justificada pelos professores, pois com a carga horária repleta e sem espaço para a aplicabilidade dos projetos sugeridos pelo PPP, torna-se praticamente inviável. Temos então, um motivo de preocupação que deverá ser repensado, pois são eles, os mestres, a base que sustenta a efetividade do trabalho em sala de aula. Nessa conjuntura, esperamos que as próximas propostas, que certamente virão, possibilitem tanto aos professores quanto aos alunos uma metodologia que permita um trabalho conjunto e produtivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Cereja - Magalhães 2005 W.R. Cereja - T.C. Magalhães, *Gramática reflexiva. Texto, semântica e interação*, São Paulo, Atual, 2005.
- Franchi 1987 C. Franchi, “Criatividade e gramática”, *Trabalhos em lingüística aplicada* 9 (1987), 5-45.
- Franchi 1991 C. Franchi, “Concepção de uma e-gramática”, in *Seminários apresentados ao Departamento de Lingüística da Unicamp e da Universidade de São Paulo* (MS inédito), 1991.

- Franchi 2001 E.P. Franchi, *Pedagogia da alfabetização da oralidade à escrita*, São Paulo, Ed. Cortez, 2001.
- Genouvrier - Peytard 1973 E. Genouvrier - J. Peytard, *Linguística e ensino do português*, Coimbra, Almedina, 1973.
- Geraldi 1987 J.W. Geraldi, “Livro didático de língua portuguesa. A favor ou contra? Entrevista a Ezequiel Theodoro da Silva”, *Leitura – Teoria e prática* 9 (1987), 3-6.
- Lobato 1978 M. Lobato, *Negrinha*, São Paulo, Brasiliense, 1978.
- Marcuschi 2001² L.A. Marcuschi, *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*, São Paulo, Cortez, 2001².
- Melo 1946 G.C. Melo, *A língua do Brasil*, Rio de Janeiro, Agir, 1946.
- Melo 1971 G.C. de Melo, “Vícios do nosso ensino gramatical”, in G.C. de Melo (Org.), *Iniciação à filologia portuguesa*, Rio de Janeiro, Agir, 1971, 285-290.
- Possenti 2003 S. Possenti, *Observações sobre interdiscurso*, Campinas, IEL/Unicamp, 2003.
- Rio Grande do Sul,
Secretaria de Estado
da Educação,
Departamento Pedagógico
2009 Rio Grande do Sul, Secretaria de Estado da Educação, Departamento Pedagógico. Referenciais Curriculares do Estado do Rio Grande do Sul: Ciências Humanas e suas Tecnologias / Secretaria de Estado da Educação, Porto Alegre, SE/DP, 2009.

